



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação - FE

VIVIANE DE SOUZA OLIVEIRA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:

Os desafios encontrados na prática docente frente ao ensino remoto

BRASÍLIA

2022

VIVIANE DE SOUZA OLIVEIRA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:

Os desafios encontrados na prática docente frente ao ensino remoto

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

BRASÍLIA

2022

Oliveira, Viviane de Souza.

Alfabetização e letramento: os desafios encontrados na prática docente frente ao ensino remoto / Viviane de Souza Oliveira; orientadora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias. – Brasília, 2022. p. 53

Monografia (Graduação – Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2022.

1. Alfabetização e letramento. 2. O contexto educacional na pandemia. 3. Os desafios educacionais na prática remota.

I. Dias, Paula Maria Cobucci Ribeiro, orient. II. Título.

VIVIANE DE SOUZA OLIVEIRA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:

Os desafios encontrados na prática docente frente ao ensino remoto

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

Brasília, 8 de Fevereiro de 2022.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB

Prof.^a Dr.^a. Fatima Ali Abdalah Abdel Cader-Nascimento (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB

Prof.^a Dr.^a. Norma Lúcia Neris de Queiroz (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB

Prof. Dr.^a. Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem (Suplente)
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEE/DF

RESUMO

O estudo em questão destaca os desafios encontrados na prática durante o período emergencial das aulas remotas, essas que foram causadas pela pandemia do novo Covid-19. Nesse sentido, o objetivo geral do estudo foi analisar os desafios encontrados no processo de alfabetização e letramento durante o período do ensino remoto. Além disso, a pesquisa pretende responder as seguintes perguntas: O que é o ensino remoto? Por que ele aconteceu? Como foi? Quanto tempo durou? Quais foram os principais desafios encontrados pelos docentes no processo de alfabetização e letramento durante o ensino remoto? Para isso, a metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, com embasamento teórico-bibliográfico e com a realização de um estudo de caso. Sendo assim, foi aplicado um questionário com questões abertas a duas professoras, sendo uma da rede privada e outra da rede pública de ensino, ambas do Distrito Federal. Com base nessa pesquisa, foi possível compreender que a mudança repentina das aulas remotas afetou a todos os envolvidos, de diferentes formas, e que todos enfrentaram desafios nesse processo de adaptação. Os protocolos de segurança que precisavam ser cumpridos, o distanciamento social e afetivo, as barreiras que a pandemia trouxe ao curso do ensino e aprendizagem foram alguns dos desafios que surpreenderam tanto os professores, quanto os alunos e suas respectivas famílias.

Palavras-chave: Desafios da Alfabetização e Letramento. Pandemia. Aulas remotas.

ABSTRACT

The study in question highlights the challenges encountered in practice during the emergency period of remote classes, which were caused by the new Covid-19 pandemic. In this sense, the general objective of the study was to analyze the challenges encountered in the literacy process during the period of remote teaching. In addition, the research intends to answer the following questions: What is remote teaching? Why did it happen? How it was? How long did it last? What were the main challenges faced by teachers in the literacy and literacy process during remote teaching? For this, the methodology used was of a qualitative nature, with a theoretical-bibliographic basis and with the realization of a case study. Therefore, a questionnaire was applied to two teachers, one from a private school and the other from a public education, both of the Federal District. Based on this research, it was possible to understand that the sudden change in remote classes affected everyone involved, in different ways, and that everyone faced challenges in this adaptation process. The safety protocols that needed to be complied with, the social and affective distance, the barriers that the pandemic brought to the course of teaching and learning were some of the challenges that surprised both teachers, students and their respective families.

Keywords: Challenges of Literacy and Literacy skills. Pandemic. Remote classes.

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	8
1 INTRODUÇÃO	18
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	211
3 O CONTEXTO EDUCACIONAL NA PANDEMIA	255
4 OS DESAFIOS EDUCACIONAIS NA PRÁTICA REMOTA	288
4.1 O PROFESSOR.....	299
4.2 O ALUNO.....	30
4.3 A FAMÍLIA.....	322
5 INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE PRÁTICA.....	333
5.1 METODOLOGIA	333
5.2 ANÁLISE DE DADOS	344
5.3 EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS PESQUISADAS	434
CONSIDERAÇÕES FINAIS	499
REFERÊNCIAS	51

MEMORIAL EDUCATIVO

Com o objetivo de descrever sobre a minha trajetória estudantil, desde a infância até os dias atuais, e posteriormente refletir sobre a minha jornada acadêmica na Universidade de Brasília e todas as vivências que me trouxeram até esse momento, iniciarei contextualizando minhas raízes.

Meu nome é Viviane, mas adoro que me chamem de Vivi. Tenho 23 anos e nasci em Águas Lindas de Goiás (GO), porém, atualmente moro em Sobradinho II (DF). A família do meu pai veio de Formosa do Rio Preto (BA) e a da minha mãe veio da Crateús (CE), então, sou fruto dessa mistura bem nordestina e tenho muito orgulho disso. Moro com meu pai, minha madrasta e uma irmã mais nova. Somos ao todo 5 irmãos, dois deles são filhos da minha mãe e do meu pai e os outros dois são filhos da minha madrasta, também com o meu pai. A mais velha tem 32 anos, é divorciada e mora com meus 3 sobrinhos em Águas Lindas, na mesma casa onde passei parte da minha infância. Meu outro irmão tem 27 anos, é casado e mora com sua esposa no mesmo lote em que vivo. Minha meia-irmã, que é a caçula de todos, tem 14 anos e mora comigo. E meu outro meio-irmão, que tem 30 anos, mora com a avó dele, na mesma rua que a minha.

É bem confuso mesmo entender a dinâmica dessa família. O que acontece é que meu pai, na sua juventude, era muito mulherengo e acabou constituindo duas famílias ao mesmo tempo. Então era um filho lá e outro cá. E claro, minha mãe e madrasta não sabiam de nada, só foram descobrir anos e anos depois, pois ele era militar e vivia dizendo a elas que estava de serviço ou viajando a trabalho.

Ainda falando sobre minha família, algo que definitivamente marcou minha vida e em especial minha infância foi o falecimento da minha mãe, quando eu tinha 8 anos, em abril de 2007. Ela faleceu muito nova, com apenas 36 anos, acometida por uma meningite. Foi rápido e muito triste, literalmente de um dia para o outro. Ela começou a passar mal na manhã de uma sexta-feira e no sábado a noite ela faleceu. Nem eu e nem meu irmão pudemos vê-la no hospital por conta da nossa idade, mas pude dar um último abraço nela, antes dela sair de casa. E o pior, ela faleceu um dia antes de completar 37 anos, sendo assim, foi sepultada no dia de seu aniversário. A partir dali

tudo mudou completamente, foi um verdadeiro divisor de águas. Mudei de cidade, morava em Ceilândia e fui para Sobradinho II para morar com meu pai, irmãos e minha madrasta, que a princípio eu a odiava, mas depois as coisas entre nós se acertaram e hoje em dia vivemos muito bem juntas. Depois desse acontecimento, devido a todo contexto que eu estava vivendo, familiar e internamente, parece que minha infância havia acabado. Eu tinha que encarar a realidade e aprender a ser mais independente, pois aqui em casa sempre foi “cada um por si”.

Acredito que até mesmo por isso, eu sempre tive muita vontade de crescer e virar adulta, para não precisar mais depender de ninguém, pois sempre me senti incompreendida e mal assistida, sem a presença da minha mãe. Claro que hoje em dia esse pensamento mudou e vejo que a realidade é muito diferente. Não é porque atingimos a maioridade que magicamente nos tornamos independentes e nossos problemas se resolvem. Muito pelo contrário, eles até aumentam. De certa forma me arrependo de não ter aproveitado mais a minha infância e todo o encanto que ela tem, de não se ter muitas preocupações. Mas ao mesmo tempo não me culpo, pois sei que a minha vida e minha infância foram marcadas por esses acontecimentos que mexem com a estrutura psicológica de qualquer ser humano. Apesar de tudo, eu sou grata a Deus por tudo que aconteceu, eu creio que Ele sabe exatamente o que é melhor para mim, mesmo quando a minha visão limitada não consegue enxergar isso.

Minha família, se considera católica, apesar de não serem "praticantes". Porém, eu sou cristã protestante desde que me entendo por gente, pois minha mãe, desde quando eu nasci, sempre me levou a igreja e me incentivou a seguir esse caminho. Como já citei, ela faleceu em abril de 2007, eu tinha 8 anos, era na época em que morávamos em Ceilândia. Então, depois de seu falecimento, vim morar com meu pai e fiquei uns anos sem ir a igreja. Na minha cabeça imatura de adolescente, eu não ia conseguir frequentar a igreja sozinha, tinha que ter alguém para me acompanhar, porque para falar a verdade sempre foi assim. Mas, depois de um processo e de algumas experiências espirituais que vivi, percebi que as coisas não eram bem assim. Entendi que a espiritualidade é algo individual, e querendo ou não, cada um tem que cuidar da sua. Então, aos 14 anos voltei a frequentar a igreja, da qual pertenço até hoje, e isso mudou totalmente minha visão de mundo e minhas perspectivas. Essa é a área que considero uma das mais importantes, se não a mais importante da minha

vida, pois se trata de questões profundas e que precisam estar alinhadas, quando não estou bem nela, as coisas não fluem de maneira adequada.

Desde então, decidi que eu sempre buscaria a minha melhor versão, e que eu me tornaria uma mulher da qual minha mãe iria se orgulhar. Vivi poucos anos com ela e tenho poucas lembranças, porém todos os relatos que escuto de sua pessoa é que ela era muito fiel e verdadeira, uma grande amiga e uma mãe incrível para seus filhos. Esse legado ninguém tira, e eu com certeza, com a ajuda de Deus, quero continuar a jornada que ela começou a traçar comigo.

Depois que minha mãe faleceu, confesso que não me recordo muito da minha infância. Consequentemente, não tenho muitas lembranças de como foi minha Educação Infantil. Lembro que em geral, essa época foi muito boa, eu era aquela “criança prodígio” que aprendeu a ler cedo, e estava sempre avançada em relação aos coleguinhas da turma. Por conta disso, não cursei a primeira série do Ensino Fundamental e fui da Ed. Infantil direto para a segunda série, através de uma prova que fiz para saber se eu realmente estava apta para essa aceleração. E assim foi feito. Minha família e principalmente minha mãe ficaram muito orgulhosas de mim. No começo, eu fiquei desesperada e foi bem difícil acompanhar o ritmo das outras crianças. Nos registros, eu sempre era umas das últimas a terminar e isso me deixava em pânico, mas a professora sempre era bem compreensiva porque sabia que eu estava num processo de adaptação e tinham outras crianças nessa mesma situação.

Permaneci na mesma escola até a terceira série (atual 4º ano), em Ceilândia. Foi quando minha mãe faleceu e precisei mudar de cidade. Então, concluí o meu Ensino Fundamental I, em uma escola de Sobradinho. Essa época foi bem difícil para mim, pois a morte da minha mãe afetou bastante os meus estudos. Lembro-me que nos primeiros meses, após a morte dela, eu sentia uma falta extrema e por isso queria passar o tempo todo grudada no meu pai, que nunca foi muito presente na minha vida, mas naquele momento eu só tinha ele para suprir essa falta. Então, eu mentia várias vezes dizendo que estava doente e passando mal para ele pudesse me buscar na escola, porque eu não tinha vontade de ficar lá, muito menos de fazer as tarefas. Mesmo assim, fui aluna destaque nesse ano, porque depois de um tempo comecei a processar melhor todo aquele luto, comecei a fazer amizades na nova escola e a me interessar novamente pelos estudos.

Na quarta série (atual 5º ano), eu tive um dos melhores anos escolares da minha vida. Eu amava aquela turma e amava minha professora. Keila, era o nome dela, sempre muito atenciosa comigo. Ela sabia da minha situação, meu pai conversava com ela sempre, então ela constantemente perguntava como eu estava me sentindo e isso me fazia sentir muito acolhida. Ela não tinha filhos, apenas duas sobrinhas. Arrisco-me a dizer que ela sentia um carinho de mãe por mim, porque era isso que eu sentia também.

Em um episódio especial, ela conversou com meu pai e pediu autorização para passar um dia comigo. Ela me levou para almoçar num restaurante, depois da aula. Depois fomos para casa dela, para eu brincar com suas sobrinhas e comemos brigadeiro. Esse dia nunca sairá da minha memória. Em outra situação, ela me levou para fazer um passeio com suas sobrinhas por Brasília. Visitamos a Torre de TV, fomos no Parque da Cidade, tomamos sorvete e em seguida ela me deixou em casa. Ela era uma profissional incrível, paciente (pois não éramos uma turma fácil) e uma pessoa de um coração enorme, com certeza marcou minha trajetória com toda sua gentileza e dedicação. Inclusive, mesmo sem ela saber, foi uma das minhas influências para cursar Pedagogia. Pois, quando fui escolher o curso, sempre almejei ser uma profissional que marcasse a vida dos meus alunos, assim como a prof^a. Keila marcou a minha.

Estudei em escola pública praticamente a vida toda, fiz apenas a quinta série (atual 6º ano) numa escola particular, pois no ano que fiz essa série, precisei morar com minha irmã em Águas Lindas de Goiás. Como lá o nível do ensino das escolas públicas é um tanto precário, me colocaram numa escola particular, pois na concepção dos meus responsáveis (meu pai e minha irmã) era como se fosse equivalente ao ensino das escolas públicas do DF.

Fiquei apenas um ano morando com minha irmã e retornei para Sobradinho. Fiz a sexta e sétima série (7º ano e 8º ano) em uma escola perto da minha casa, em Sobradinho II, depois fui fazer a oitava série (9º ano) e começar/concluir meu Ensino Médio em Sobradinho.

Meu Ensino Fundamental II, em geral, foi bom. Eu era estudiosa e dedicada, não tinha muita dificuldade com as matérias nessa época. Já no Ensino Médio, as coisas mudaram um pouco, principalmente no 2º e 3º ano, criei uma aversão absurda

pelas matérias de exata, pois eu não conseguia entender mais nada, era como se estivessem me ensinando em outra língua. Mas também foi um tempo muito proveitoso, onde fiz amizades que cultivo até hoje e pretendo cultivar para vida toda.

Não cheguei a fazer cursinho para me preparar para o vestibular/PAS/ENEM, só estudava mesmo o que a escola me passava. Falando nisso, um dos pontos fracos de minha escolarização acredito que está explícito nessa frase anterior: “só estudava mesmo o que a escola me passava”. Eu era muito desinteressada, “empurrava meus estudos com a barriga”, aprendia só para passar e não ficar de recuperação, ou de fato, reprovar a série. Me arrependo de não ter aproveitado os conteúdos, a experiência acadêmica da escola em geral. Acho que minha imaturidade influenciava muito nesse ponto. Já um dos pontos fortes foi logo na educação infantil, como já citado, onde consegui ser alfabetizada rápido e em conformidade com a escola em que eu estudava na época, decidiram me adiantar um ano e então não precisei fazer o 2º ano (antiga 1ª série), o que para mim foi ótimo, pois assim terminei o Ensino Médio com 16 anos e já ingressei no Ensino Superior com 17 anos.

Apesar de minha negligência nos estudos, meu objetivo sempre foi ingressar no Ensino Superior assim que concluísse o 3º ano do Ensino Médio, e de preferência na faculdade pública. Meu pai, que não teve as mesmas oportunidades que eu e só terminou o Segundo Grau, como chamavam no tempo dele, sempre me incentivou a isso, e também financeiramente falando, não seria fácil arcar com os custos de uma faculdade particular. E claro, há todo um prestígio em fazer parte desse ambiente que sabemos que ainda é elitizado e de difícil acesso para a realidade de algumas pessoas.

A escolha do curso de graduação não foi muito fácil, pois na verdade eu estava num limbo de não saber o que fazer. Sempre fui uma pessoa que gosta das coisas certas e bem decididas, e no momento não era nada disso que estava acontecendo. Eu sempre via e ouvia as pessoas ao meu redor comentando sobre o que queriam fazer com muita certeza e com brilho nos olhos, enquanto eu estava bastante confusa e perdida, me sentindo muito mal e de certa forma, inútil. “Qual era o meu papel nessa terra? Qual é a próxima etapa?”, pensava o tempo todo, porque apesar de ser nova, eu não queria tomar uma decisão impulsiva e/ou errada.

Então, influenciada pelo meu desejo de marcar a vida das pessoas e ajudá-las a crescer e a se desenvolver de alguma maneira, decidi que iria para área da Educação, optando pelo curso de Pedagogia. Posso dizer com todas as letras que não me arrependo em nenhum momento dessa escolha. Apesar da confusão mental vivida antes da decisão, ela foi guiada por Deus, pois não me vejo fazendo outra coisa atualmente. Me encontrei e fui acolhida pelo curso e pela Universidade.

Sempre gostei de ser independente, principalmente no âmbito financeiro, pois minha família não me dá apoio em relação a isso. Mas como não tenho o privilégio de optar por me dedicar apenas aos estudos, sempre corri atrás das minhas coisas sozinha. O único fator que ainda me faz depender deles é na moradia, e os gastos do dia-a-dia, pois como, durmo e usufruo do sustento do meu pai nesse quesito. Mas no que se refere às minhas particularidades, minhas roupas, calçados, lazer, alimentação fora de casa, os gastos são todos meus.

Trabalhando desde os meus 16 anos, comecei fazendo estágio no Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, quando ainda cursava o 3º ano do Ensino Médio. Depois ingressei na UnB em 2016 e fiquei o primeiro semestre sem trabalhar. Aproveitei esse semestre para iniciar um curso de inglês na UnB Idiomas, no Campus de Planaltina. Infelizmente não consegui dar continuidade, por conta da rotina do semestre seguinte. Mas sempre foi um sonho me tornar fluente no inglês e ainda vou realizá-lo. No segundo semestre comecei a trabalhar na loja de uma tia, numa malharia que ela tem, trabalhei como caixa por 6 meses. Foi então que decidi procurar um estágio na área de Pedagogia, e consegui um estágio no Colégio Marista de Brasília. Completei meus 2 anos de estágio lá e depois fiz mais 2 anos de estágio no Colégio Le Petit Galois.

No ano seguinte, em 2021, arranjei um emprego numa escola em Sobradinho, onde fui monitora e professora de reforço durante todo o ano. A ideia era me graduar e continuar nessa escola, pois lá eu tinha grandes chances de já assumir uma turma como professora regente. Mas por motivos pessoais e outras ambições profissionais, decidi procurar outro emprego, pois aquele, apesar de ser bom, não estava mais suprimindo minhas necessidades financeiras e pessoais. Então, atualmente, trabalho na área administrativa do Colégio Leonardo da Vinci. Sinto falta de estar em sala de aula, mas gosto muito de trabalhar em escola, independente de que função eu esteja exercendo. Tem sido um desafio prazeroso e cheio de ressignificações.

Nos meus dois primeiros semestre da faculdade, confesso que achava o curso bem monótono, cheio de teorias. Não via a hora de experimentar aquilo na prática, mas até então, as minhas condições não eram favoráveis, pois as escolas geralmente só aceitavam currículo de quem estivesse cursando a partir do 3º semestre. Foi então, no meu primeiro estágio, onde fui auxiliar da professora regente e acompanhei uma turma de 2º ano, que tive o contato na prática e a certeza de que eu tinha feito a escolha certa, fui cada vez mais me apaixonando pelo curso. No meu segundo ano, desse mesmo estágio, tive a honra de acompanhar a mesma turminha, só que dessa vez com o enfoque numa aluna específica, que era autista. Ela era encantadora, inquieta e metódica. Marcou minha vida com sua doçura e seus trejeitos, me ensinou a ser mais empática e paciente. Foi um desafio e tanto, mas foi de muito aprendizado também.

Já no outro estágio, acompanhei uma turma de 4º ano e no ano seguinte, uma turma de 1º ano (no ano de 2020, quando começou a pandemia). Graças a Deus, sempre fui acompanhada por profissionais incríveis e inspiradoras, sempre muito dispostas e solícitas a ensinar e compartilhar a bagagem delas comigo.

Com essa turma de 1º ano, tive uma experiência muito diferente, pois de fato, aquele ano estava sendo atípico para todos. De início, já foi desafiador trabalhar com crianças recém-chegadas da Ed. Infantil. Elas eram ainda muito dependentes, diferente das crianças que já havia trabalhado nos anos anteriores. Tive contato presencial com elas do fim de janeiro até o início de março. Depois a pandemia se instalou e eles começaram a ser acompanhados apenas pela professora regente nas aulas *on-line*.

As aulas presenciais retornaram apenas em outubro, onde pude reencontrá-las e ver aqueles rostinhos lindos novamente, dessa vez já por trás das máscaras e sem contato físico. Foi bem difícil cumprir os protocolos de distanciamento, pois eles eram muito carinhosos e afetivos, tanto com as professoras, quanto entre si. Também pude perceber, como o contato presencial fez falta na vida de algumas crianças, pedagogicamente falando. Nem todas as famílias conseguiam dar o suporte que elas precisavam, e muitas chegaram com várias defasagens na alfabetização. Até me lembro que a professora regente ficou bastante frustrada por não ter conseguido introduzir a letra cursiva naquele ano, por falta de tempo e porque isso demandaria um contato físico mais próximo com os alunos.

Nesse outro emprego, onde fui monitora e professora de reforço, eu exercia simultaneamente essas duas funções. Pela manhã, como eu só tinha 1 aluna de reforço, no restante do tempo eu dava assistência para as professoras do 1º ao 5º ano e na parte da tarde dava aulas de reforço para alunos do 4º e 5º ano. Ajudava-os a fazerem as tarefas de casa, estudarem para as provas e também montava atividades com os conteúdos que eles estavam estudando em sala de aula no contraturno. Foi um tempo de muito aprendizado, pois pude trabalhar diretamente com as dificuldades dos alunos, e fazer com que eles aprendessem os conteúdos e tivessem um acompanhamento mais individual era extremamente recompensador.

Também não posso deixar de destacar algumas experiências marcantes que tive ao longo desses 11 semestres na Universidade de Brasília. Começando pelo primeiro dia, aquele onde todos se apresentam e alguns grupos se disponibilizam para apresentar alguns espaços do Campus para os calouros. Nossa, eu me senti completamente perdida e alheia àquele lugar, queria sair dali o mais rápido possível e o pensamento que me consumia era se eu teria capacidade de estudar com aquelas pessoas. Era tudo muito diferente da escola, as pessoas, os professores, o ambiente. Mas aos poucos fui me acostumando e a Universidade acabou virando minha segunda casa, pois era necessário passar muito tempo lá para cumprir a carga horária necessária para se manter no fluxo, que era o que eu sempre buscava.

No 5º semestre cursei a disciplina “Processo de alfabetização”, que foi muito marcante e especial. Foi a partir dela que tive interesse em realizar minha pesquisa nessa área, pois a professora da disciplina, que por sinal é minha orientadora neste trabalho, sempre lecionou com muita paixão. Ela é realmente inspiradora! As aulas sempre eram muito dinâmicas, com muita interação da turma, leituras deleite, e claro, muito conteúdo sobre alfabetização e letramento. Teve também a parte das visitas a uma escola de EJA no Varjão. A turma se dividiu em grupos, e cada grupo ficou incumbido de desenvolver atividades de psicogênese e alfabetização para uma determinada turma. Nos sentimos, de fato, protagonistas do nosso aprendizado, porque naquele momento a professora e a escola em si, nos deram a liberdade de colocar em prática o que estávamos aprendendo em sala de aula, ainda mais com a vivência dos alunos da EJA. Foi uma experiência enriquecedora, da qual nunca me esquecerei. Guardo com muito carinho o diário de bordo que fizemos nessa disciplina, tenho tudo anotado para lembrar e reviver aqueles momentos.

No 7º semestre comecei a cursar Libras II, e me apaixonei tanto por essa língua que decidi começar um curso para aprender mais e me tornar fluente. Me matriculei na APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos, uma instituição muito boa e conveniada com a Secretaria de Educação do DF. Comecei obviamente pelo módulo básico, pois apesar de já ter uma noção adquirida nas aulas da faculdade, havia bastante coisa, considerada “básica” que eu ainda precisava aprender. Fiquei imersa na Libras naquele semestre, pois estava tendo aulas na faculdade e tinha aulas no curso duas vezes na semana. Era cansativo, porém muito prazeroso, pois era algo que eu gostava muito. Infelizmente, não consegui dar continuidade ao curso, pois nos dias em que as aulas do próximo módulos seriam ofertadas, eu precisava me matricular em algumas disciplinas obrigatórias da faculdade. Nos anos seguintes sempre existiu esse mesmo choque de horários, e depois para piorar veio a pandemia que fez a instituição ficar por um bom tempo sem poder abrir as portas para alunos. Assim como o inglês, tenho muito desejo de retornar aos estudos nessa área e me tornar fluente, sempre fico encantada quando vejo as pessoas se comunicando em Libras e seria algo muito agregador para minha formação docente.

Também no 7º semestre, tive a oportunidade de participar do Projeto LeiA, Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças e Biblioteca Comunitária. Um projeto de incentivo a leitura, para crianças de 4 a 12 anos, realizado no Pedregal, bairro localizado no Novo Gama (GO). Experiência riquíssima que acrescentou muito a minha formação pessoal e profissional. Acontecia aos sábados pela manhã, onde nos deslocávamos até lá por meio do ônibus que a UnB oferecia, e desenvolvíamos atividades, oficinas, brincadeiras e claro, aperfeiçoávamos nossas práticas, na prática. A turma se organizava em grupos, onde alguns participavam do planejamento e o outro da execução das atividades, intercalando semanalmente para contemplar todos os envolvidos. Sempre era escolhido um tema norteador, que não fugisse do contexto das crianças daquela região. E ao final, todas eram incentivadas a pegar um livro emprestado na biblioteca do espaço onde tudo acontecia.

Em todos os encontros, oferecíamos lanche para as crianças, e isso era feito e organizado com nosso próprio dinheiro, a universidade só subsidiava nosso deslocamento. Então, isso demandou também muito trabalho em equipe e senso de colaboração por parte dos estudantes. Mas no fim, sempre dava certo, pois nosso

maior interesse era o bem-estar daquelas crianças, que ansiavam que chegasse logo o sábado para poder nos abraçar e passar a manhã conosco.

Achei pertinente colocar essas experiências em meu memorial, pois ao longo de toda a trajetória na Universidade de Brasília, os trabalhos de campo foram sempre os mais marcantes e significativos. Era ali que tudo fazia sentido, porque teoria sem prática não serve de nada. Era ali onde nos tornávamos protagonistas do nosso aprendizado, algo que sempre era discutido e enfatizado para ser feito com as crianças em nossas futuras experiências como docentes. O contato com diversos contextos e realidades diferentes das nossas era impactante e enriquecedor, nos ensinava a sermos profissionais mais humanos e inconformados, no bom sentido.

Posso afirmar que minhas vivências e conhecimentos adquiridos na universidade, meus estágios e experiências profissionais, forjaram a pessoa e profissional que sou hoje. Apaixonada pela Educação e pelo desejo de tocar a vida das pessoas através dela. Sinto-me lisonjeada por ter tido uma trajetória significativa, que me levou até a tão sonhada graduação na Universidade de Brasília. Tenho a certeza de que a UnB cumpriu seu papel e me capacitou para exercer a prática pedagógica de acordo com os três pilares propostos: ensino, pesquisa e extensão. Pois sem sombra de dúvida, a jornada em busca de novos conhecimentos apenas começou e um bom educador nunca para de estudar. Espero que esse trabalho coroe o fim desse ciclo, de maneira proveitosa e que ele possa ser útil a sociedade. Encerro expressando minha gratidão por todos os professores que já passaram pela minha vida e deixaram um pouco de si através de seus ensinamentos. Sou grata também por todo o acolhimento e diversidade que a Universidade me proporcionou.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo de extrema relevância dentro da sociedade, sendo algo necessário para o exercício da cidadania. Nesse sentido, alfabetizar é sinônimo de oportunizar liberdade de pensamento, de escolhas e de participação. A partir disso, o processo de alfabetização possibilita que o indivíduo conheça o alfabeto, desenvolva a consciência fonológica, habilidades de leitura, escrita, numeramento, interpretação e até mesmo a capacidade de raciocinar logicamente.

Ao longo da história, a humanidade passou por contínuas evoluções. Desde o início dos tempos, os seres humanos sentem necessidade de utilizar a comunicação para se expressar. É notório que as principais evoluções estão atreladas aos aspectos físicos e sociais. A escrita é um grande exemplo desse fato, pois surgiu em decorrência da necessidade de estruturar a comunicação, facilitando o convívio social e registrando os acontecimentos da época.

Dessa forma, percebe-se que não é de hoje que a humanidade avança historicamente e almeja evoluções futuras. O ser humano está sempre evoluindo e se reinventando. Nesse sentido, no decorrer da história, a própria escrita também enfrentou inconstâncias, evoluções e avanços, percorrendo um longo caminho até a escrita atual, tendo o alfabeto como representação fonética da escrita como em nosso caso.

No contexto educacional, o processo de alfabetização é conhecido como o ensino da leitura e da escrita. Portanto, as escolas precisam preparar os estudantes para o uso da comunicação em diferentes contextos sociais. Para isso, vale ressaltar a importância de o letramento estar associado à alfabetização, esse que se preocupa com a função social do ler e do escrever.

Os números estão presentes em nossa vida desde o nascimento, convivemos com eles diária e constantemente, nas mais diferentes situações. Dessa forma, destaca-se a necessidade da aprendizagem não somente do sistema de escrita, pois a alfabetização no sentido do letramento é ampla e não se restringe apenas as disciplinas das áreas de linguagens. Por isso o letramento matemático deve ser trabalhado juntamente à alfabetização, uma vez que o processo de escrita foi também

impulsionado pela preocupação do registro das produções e bens materiais das civilizações.

Tendo em vista o cenário causado pelo novo Covid-19, o processo de ensino e aprendizagem precisou lidar com diversos contratempos e adversidades. Com isso, todo o sistema educacional passou por uma adaptação para continuar atendendo à população e, ao mesmo tempo, respeitando os protocolos de distanciamento social. Sendo assim, a pesquisa pretende responder os seguintes questionamentos: O que é o ensino remoto? Por que ele aconteceu? Como foi? Quanto tempo durou? Quais foram os principais desafios encontrados pelos docentes no processo de alfabetização e letramento durante o ensino remoto?

Para isso, o estudo tem como objetivo geral analisar os desafios encontrados no processo de alfabetização e letramento durante o ensino remoto. Além disso, tem como objetivos específicos: compreender o conceito de alfabetização e letramento; descrever o contexto educacional frente à pandemia do Covid-19; analisar os desafios enfrentados pelos docentes para conduzir o processo de alfabetização; analisar os desafios enfrentados pelos estudantes e pelas famílias no processo de alfabetização na realidade remota.

O estudo em questão justifica-se em sua relevância e atualidade, principalmente ao considerar que o processo de alfabetização é a base de todo o ensino e aprendizagem. O ensino remoto surpreendeu e exigiu adaptações imediatas no contexto escolar. Sendo assim, é de extrema importância analisar o processo de alfabetização e letramento durante o ensino remoto, evidenciando os principais desafios encontrados pelos professores na prática pedagógica.

Além disso, o estudo baseia-se em pesquisas bibliográficas, sendo direcionado principalmente pelas obras da autora Magda Soares: *Alfabetização e Letramento* (2017); *Alfabetização: a questão dos métodos* (2016); *Alfaletrar* (2020). Bem como da autora Emilia Ferreiro: *Com todas as letras* (2017). Além de contemplar Alves (2020), Fernandes (2020), Martins (2020), Miranda (2020), Oliveira (2021) e Santos (2020), Cobucci, Oliveira e Viana (2021) que trazem contribuições significativas sobre o cenário educacional causado pela pandemia e as especificidades das aulas remotas.

A metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo. Para Gerhardt e Silveira (2009), esse tipo de metodologia que não se preocupa com representatividade

numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão. Nesse sentido, o estudo baseia-se em pesquisas bibliográficas, o que permite a compreensão do assunto de maneira profunda, dando um suporte teórico. Sendo assim, a pesquisa é um resumo de assunto, por dispensar a originalidade, mas não o rigor científico. Segundo Gil (2002), essas obras listam os trabalhos já produzidos em determinada área do conhecimento, visando facilitar a identificação e o acesso à informação.

Além disso, a pesquisa realizou um estudo de caso, no qual os dados foram coletados e analisados, aprofundando o conhecimento de uma determinada situação. Gil (2002) ressalta que esse tipo de pesquisa é desenvolvido por meio de observações, entrevistas e análises, a partir de uma determinada situação.

A pesquisa em questão busca contribuir tanto para a prática docente em situações remotas e/ou híbridas, quanto para a análise e, conseqüentemente, para intervenções futuras, frente aos desafios encontrados no processo de alfabetização em tempos de pandemia. Além disso, é de fundamental importância conhecer o cenário educacional após as aulas remotas e o nível do processo de alfabetização em que os estudantes se encontram, para assim, planejar e intervir adequadamente.

Esta monografia foi organizada em 3 partes principais: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Sendo que o desenvolvimento é composto por 3 capítulos, na ordem: alfabetização e letramento; o contexto educacional na pandemia; e os desafios educacionais na prática remota.

O primeiro capítulo se dedicou em apresentar os principais conceitos da alfabetização e do letramento, enfatizando a diferença entre os dois processos e a importância dos dois caminharem juntos. No segundo capítulo, o contexto educacional durante o período da pandemia foi exposto, destacando a situação do sistema escolar frente às necessidades de distanciamento social para controlar o contágio do novo Covid-19.

No terceiro capítulo, são identificados os principais desafios na prática durante esse período de adaptação às aulas remotas. Nesse momento, foram apresentados os desafios na ótica do professor, do aluno e do núcleo familiar. Depois do desenvolvimento, inicia-se a análise da pesquisa realizada.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Pensar em alfabetização é pensar em processo. A alfabetização é um processo de apropriação da leitura e da escrita, que ocorre por meio do desenvolvimento de habilidades que capacitarão o indivíduo a codificar e decodificar. A codificação refere-se ao processo de transformação dos fonemas (sons) em grafemas (letras), já a decodificação é o oposto, por se referir aos grafemas que são transformados em fonemas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991).

Com o objetivo de garantir a aprendizagem da leitura, da escrita e do letramento às crianças do Distrito Federal, foi implementado o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) em 2005. O BIA direciona as práticas pedagógicas durante os três primeiros anos do ensino fundamental, tendo como foco o processo de alfabetização e letramento. Sendo assim, dentro dos três primeiros anos do ensino fundamental, todas as crianças precisam concretizar o processo de alfabetização (SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, 2005).

O objetivo geral do BIA é “reestruturar o Ensino Fundamental para 9 anos, garantindo à criança a aquisição da leitura/escrita/letramento, bem como o seu desenvolvimento integral”. Os objetivos específicos referem-se à reorganização do tempo e dos espaços escolares, à reestruturação do processo de ensino-aprendizagem, à organização do currículo escolar, à sistematização do processo de alfabetização e à orientação da ação educativa do professor. (VILLAS BOAS, 2006, P. 4)

Em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi criada para regulamentar as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas públicas e particulares. A BNCC é um documento obrigatório para todas as escolas brasileiras e um dos mais importantes, porque norteia, de forma detalhada, as aprendizagens que os alunos devem desenvolver nas escolas, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Além disso, a BNCC aborda o processo de alfabetização da seguinte forma:

Embora, desde que nasce e na Educação Infantil, a criança esteja cercada e participe de diferentes práticas letradas, é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras). (BRASIL, 2017, p. 86)

Diferente da BNCC, como mencionado anteriormente, o BIA prevê que o processo de alfabetização se concretize nos três primeiros anos do ensino fundamental. E o que isso significa para os estudantes em processo de alfabetização? Percebe-se a contradição que esses dois documentos trazem para esses estudantes do Distrito Federal, ainda mais no contexto do ensino remoto. Os estudantes que não atingissem as habilidades e competências da BNCC previstas para esse período de alfabetização seriam reprovados, sem levar em conta o BIA e os percalços advindos da pandemia que o ensino-aprendizagem enfrentaram? Isso seguiu sendo mais um desafio a ser enfrentado pelo alfabetizadores das escolas do Distrito Federal no andamento do ensino remoto.

Segundo Soares (2017), o termo alfabetização se limita ao processo de levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever. O letramento por sua vez, são as habilidades de uso dessa escrita, utilizadas pelo indivíduo para se inserir nas práticas sociais e pessoais, ou seja, refere-se tanto no melhor entendimento do indivíduo para com o mundo e do mundo para com o indivíduo.

Em relação à alfabetização, Soares (2020) destaca a importância de entender os aspectos não somente cognitivos, mas também das habilidades motoras, postura corporal, convenções de escrita, organização espacial, dentre outros. Já para o letramento, a autora descreve que é necessário trabalhar as habilidades de interpretação e produção de diferentes tipos e gêneros textuais, além da capacidade de ler ou escrever visando atingir diferentes objetivos, sendo capaz de utilizar a escrita em diferentes contextos práticos.

Nesse sentido, a parte do letramento se concentra em tornar o alfabetizando, seja ele de qualquer faixa etária, capaz de utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, ou seja, não se prende muito a técnicas específicas, e sim ao uso social. Sobre os mesmos conceitos, em uma de suas obras mais recentes, a autora descreve que:

[...] Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades

de letramento, isto é, de leitura e de produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2020, p. 27)

Sendo assim, a autora pontua que a alfabetização é o processo de apropriação da tecnologia da escrita, ou seja, quando a criança aprende as técnicas de codificação e decodificação das palavras. Por sua vez, o letramento, é a prática social da leitura e da escrita, portanto, sendo o desenvolvimento de habilidades para utilizar as técnicas aprendidas na prática real.

Nesse sentido, Soares (2020) lista alguns tópicos que descrevem o processo de alfabetização e o de letramento. O processo de alfabetização, segundo a autora, é o desenvolvimento de um conjunto de técnicas que permita que o alfabetizando domine o sistema de representação (a escrita e as normas ortográficas). Além disso, é quando as habilidades motoras são desenvolvidas, objetivando a utilização satisfatória dos instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha, etc).

A partir disso, ocorre o desenvolvimento da coordenação motora fina que, segundo Ventura (2016, p. 19) “é a capacidade de realizar movimentos coordenados utilizando pequenos grupos musculares das extremidades, como: escrever, recortar, costurar, etc”. Soares (2020) continua listando que é necessário que seja desenvolvida uma postura corporal adequada no processo de alfabetização. É imprescindível que o alfabetizando aprenda a postura correta para sentar, de modo que isso possibilite a preensão adequada do lápis e conseqüentemente, que se apropriem do traçado correto das letras. São etapas importantes, principalmente na aprendizagem da letra cursiva.

Além disso, é no processo de alfabetização que as compreensões práticas para ler e escrever na direção correta são desenvolvidas (de cima para baixo e da esquerda para a direita). Com isso, o alfabetizando é capaz de organizar espacialmente a escrita e manipular corretamente os suportes de escrita e de leitura. Sendo assim, essas técnicas fazem parte do processo de alfabetização (SOARES, 2020).

Segundo Ferreiro (2017), a alfabetização precisa ocorrer de forma que o educando entre em contato com a prática letrada, interaja com ela, explore semelhanças, diferenças e, principalmente, compreenda seu uso prático. A partir disso, o processo de alfabetização ocorrerá em harmonia com o letramento.

Nesse contexto, Soares (2017) afirma que, quando o processo de alfabetização não caminha junto com o de letramento, o alfabetizando é desconsiderado desde o primeiro momento que vai para a escola, por ignorar completamente toda a experiência já vivida por ele fora dos muros da escola. Além desses, serão apresentados outros autores que concordam com esses conceitos de alfabetização e letramento. No livro *Conceitos de educação em Paulo Freire*, as autoras Vasconcelos e Brito (2006) descrevem como Paulo Freire entendia o processo de alfabetização:

[...] vai muito além do mero lidar com letras e palavras; pois representa a possibilidade de leitura ou decodificação do mundo, desmistificando e preparando os percursos em busca de elementos necessários para a solidificação do conhecimento. A alfabetização é antes de tudo um meio para chegar à cidadania, para isso os símbolos, palavras e conceitos devem apresentar-se com significado histórico para o cidadão. (VASCONCELOS; BRITO, 2006, p. 38)

Além disso, Kramer (2019) acredita que a alfabetização é um produto cultural, sendo composto por um conjunto de processos dinâmicos. Já Morais (2014) afirma que, ao alfabetizar, os professores estão capacitando os alunos a utilizarem o alfabeto, em todos os sentidos, seja na codificação e decodificação, ou em seu uso prático social. Segundo Leite (2006), o letramento é o que dá sentido para a alfabetização, ou seja, é a função social da leitura e da escrita. Nesse sentido, Leite (2006) afirma que:

[...] as práticas de letramento possibilitam ao indivíduo ou ao grupo social uma nova forma de inserção cultural, na medida em que passa a usufruir uma outra condição social e cultural, possibilitada pelos usos funcionais da escrita: alteram-se as relações do indivíduo com os outros, com os diversos contextos sociais, com os bens culturais, com a visão macrossocial e, por que não dizer, as relações consigo mesmo. (LEITE, 2006, p. 453)

Sendo assim, nota-se a importância do letramento como parte do processo de alfabetização. Embora os conceitos de alfabetização e o letramento sejam distintos, a primeira como o processo de apropriação e a segunda como o processo de desenvolvimento, é imprescindível a necessidade dessas duas práticas caminharem juntas.

3 O CONTEXTO EDUCACIONAL NA PANDEMIA

No final do ano de 2019, um vírus letal começou a se espalhar pelo mundo, chegando ao Brasil nos primeiros meses de 2020. Segundo Strabelli e Uip (2020), no dia 31 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a infecção pelo novo coronavírus como emergência global e a nomeou como Covid-19. Os autores descrevem o quadro clínico como:

[...] é semelhante ao de outras viroses respiratórias, a saber, febre, tosse geralmente seca, cansaço e, em casos mais graves (5%), dispnéia, sangramento pulmonar, linfopenia grave e insuficiência renal. Em 80% dos casos, os sintomas são leves. O diagnóstico dos casos sintomáticos deve ser confirmado com a pesquisa do vírus por reação em cadeia da polimerase (PCR) de swab nasal. (STRABELLI; UIP, 2020, p. 598)

Além disso, foi comprovado que os casos mais graves ocorrem em pessoas que se enquadram em grupos de risco, seja por idade ou alguma outra comorbidade. Tendo em vista esse cenário mundial, conforme o índice de contaminação crescia, o número de óbitos também aumentava. Surgiu então a necessidade de controlar a taxa de transmissão e contágio, para assim, diminuir o índice de contaminações e de óbitos. Nesse contexto, a partir do dia 11 de março de 2020, foram criados protocolos para a prevenção da transmissão do novo coronavírus (STRABELLI; UIP, 2020).

Novo vírus, nova realidade, novo normal. Ainda em março de 2020, apenas os serviços essenciais estavam funcionando presencialmente. Com isso, algumas palavras passaram a fazer parte do vocabulário comum da população, como: quarentena, pandemia, distanciamento, *home office*, aglomeração, isolamento social, máscara, aulas remotas, aulas síncronas e assíncronas, ensino a distância (EaD), ensino híbrido e por aí vai. Nesse cenário, a área da educação foi afetada diretamente, na qual as aulas foram obrigatoriamente suspensas de imediato.

Datas previstas para o retorno das aulas presenciais seguiam sendo sequencialmente prorrogadas e, para resolver essa situação, o ensino remoto passou a ser analisado e planejado. De acordo com Fernandes, Henn e Kist (2020), a educação ocorrendo a distância não é uma novidade, sendo algo que existe há muito tempo. Os autores afirmam a existência de registros de cursos a distância feitos por

meio de cartas, chegando aos dias atuais, através da internet. Hoje em dia, a modalidade EaD vem conquistando visibilidade e credibilidade na educação, tendo mais destaque no ensino superior.

O ensino remoto foi previsto pelo Ministério da Educação (MEC), na portaria nº 343, que autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas remotas. A realidade do ensino remoto é complexa, pois exige do estudante recursos tecnológicos na tentativa de adaptar a rotina de estudos que acontecia em sala de aula. Sendo assim, o ensino remoto se tornou uma solução temporária, para garantir o acesso à educação para todos, mesmo em tempos de pandemia.

O Governo do Distrito Federal (GDF) divulgou o decreto nº 40.939 de 02 de julho de 2020 com a autorização do retorno das aulas presenciais na rede particular de ensino, a partir do dia 27 de julho de 2020, de maneira escalonada. Juntamente com a autorização, foram publicados protocolos de orientações e medidas para a prevenção da Covid-19. No entanto, as escolas privadas que estavam fechadas desde o dia 11 de março do mesmo ano não reabriram nessa data, pois decisões judiciais impediram que isso acontecesse.

Faltando apenas dois dias para essa reabertura, o juiz Gustavo Carvalho Chehab, a pedido do Ministério Público do Trabalho (MPT), suspendeu o retorno. Em 4 de agosto, a juíza Adriana Zveiter derrubou a liminar e permitiu a reabertura das escolas. Em contrapartida, no dia 6 de agosto, a decisão da juíza também foi revogada pelo desembargador Pedro Foltran, que atendeu a um recurso do MPT, argumentando que a retomada das atividades presenciais colocava em risco os alunos e os trabalhadores da educação.

Após uma audiência de conciliação, realizada no dia 24 de agosto com o Ministério Público do Trabalho (MPT), o Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinepe-DF), e o Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Particulares de Ensino (Sinproep-DF), o retorno dos anos iniciais do ensino fundamental ficou definido para o dia 21 de setembro de 2020.

Mesmo com o retorno das aulas presenciais, o ensino híbrido continuou sendo uma necessidade nas escolas, acolhendo os alunos que optaram por não voltar presencialmente. O ensino híbrido é realizado quando se mescla ciclos de aulas on-line e ciclos de aulas presenciais. No caso do Distrito Federal, onde inicialmente

somente as escolas da rede privada voltavam as atividades em seus espaços físicos, a adesão ao ensino presencial era opcional, até mesmo porque uma das exigências para o retorno acontecer era que houvesse a limitação máxima de 50% do contingente de alunos por sala. As carteiras precisavam manter o distanciamento de 1,5m e isso demandaria uma organização diferente do espaço físico, que já não suportaria a mesma quantidade de alunos, como de costume.

Dessa maneira, algumas instituições permaneceram até o fim do ano letivo de 2020 no ensino remoto ou híbrido, com o rodízio dos estudantes. Os rodízios geralmente aconteciam da seguinte maneira: enquanto a metade da turma assistia as aulas presencialmente, a outra metade assistia por transmissão online. Na próxima semana ou nos próximos 15 dias, a turma que estava assistindo online deveria comparecer a sala de aula, e a turma que estava assistindo presencialmente, pela próxima semana ou quinzena iria assistir online, dando assim a oportunidade de um ensino híbrido efetivo.

Na rede pública, o ensino presencial demorou mais para retornar, pois essa retomada dependia da imunização dos professores e demais servidores das equipes escolares, com pelo menos uma dose da vacina contra a Covid-19. Portanto, aconteceu apenas a partir do dia 5 de agosto de 2021, através da Circular nº 5/2021-SEE/GAB e do Parecer nº 77/2021-CEDF publicados no site da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, juntamente com outros documentos orientadores para esse retorno. Segundo os documentos, algumas medidas de segurança e higiene pessoal deveriam ser rigorosamente seguidas, tanto pelos alunos quanto pelos professores e servidores, tais como: aferir a temperatura do corpo; uso obrigatório e permanente da máscara cobrindo a boca e nariz; manter o distanciamento social em conformidade com as orientações das autoridades sanitárias; higienizar as mãos com água e sabão ou álcool 70%; não compartilhar objetos pessoais e pedagógicos individuais, dentre outras.

Esse retorno foi pensado de maneira semelhante ao da rede privada, sendo organizado por meio de rodízios escalonados, onde o ensino híbrido ainda funcionava com intensidade. Nesse modelo, as turmas da rede pública foram divididas em dois grupos, onde faziam um rodízio semanal entre os estudantes, para que não houvesse aglomeração dentro dos espaços escolares. Dessa forma, metade da turma estava

presencial e a outra metade no modelo híbrido de ensino, acompanhando as aulas pela internet.

Somente no dia 3 de novembro de 2021 é que as aulas voltaram ao modelo 100% presencial. Através da publicação da Portaria Conjunta nº12 de 28 de outubro de 2021 da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, a orientação era que as instituições seguissem os mesmos protocolos já conhecidos. Só permaneceriam em modelo híbrido os alunos e/ou profissionais que estivessem infectados com o vírus do Covid-19 ou em contato com pessoas infectadas e alunos que se enquadrassem em casos específicos de saúde.

Por fim, é importante ressaltar que, segundo Oliveira (2021), o ensino híbrido já é considerado uma das grandes apostas para o processo de ensino e aprendizagem da atualidade, podendo significar uma revolução na educação. O autor ainda afirma que o ensino híbrido é o oferecimento do melhor dos dois mundos, sendo eles: o ensino presencial e o ensino a distância. A situação de pandemia favoreceu nesse ponto, dando visibilidade aos estudos nessa área, desmistificando a ideia de que só se aprende na sala de aula presencial.

4 OS DESAFIOS EDUCACIONAIS NA PRÁTICA REMOTA

Antes da pandemia e das aulas remotas, a prática educativa não demonstrava ter uma relação abrangente e saudável com a tecnologia. Os aparelhos móveis são, historicamente, inimigos da educação. Essa concepção foi sendo construída tendo como fundamento que esse tipo de tecnologia só servia como distração, algo que atrapalha e afasta o estudante do conteúdo e da aprendizagem (SEABRA, 2020).

Com a pandemia, isso mudou drasticamente. Segundo Miranda, Lima e Oliveira (2020), os aparelhos eletrônicos passaram a ser vistos como aliados do ensino em questão de dias. Antes da pandemia, diversos estudos, pesquisas e discussões estavam sendo realizadas sobre a importância de aliar a tecnologia à educação, além

de afirmar a importância de o professor saber manusear eficientemente esses aparelhos e as plataformas. Entretanto, foi somente com a pandemia que a educação vivenciou a tecnologia de forma tão ativa.

Por mais que a maioria dos professores, antes da pandemia, já soubessem da importância da tecnologia na educação, ainda existia uma resistência forte entre professores-tecnologia-alunos. Com isso, a situação emergencial do ensino remoto, obviamente trouxe diversos desafios na prática. De acordo com Miranda, Lima e Oliveira (2020), os desafios estão diretamente relacionados com a falta de preparo/capacitação dos professores no manuseio de ferramentas tecnológicas.

4.1 O PROFESSOR

O cenário caótico causado pela pandemia surpreendeu a todos, principalmente os professores. Ao levar em consideração o tempo que o professor levou para voltar presencialmente para a sala de aula, pode-se considerar que a profissão docente foi uma das mais afetadas durante a pandemia. A escola precisou se adequar aos protocolos de segurança e os professores precisaram se afastar fisicamente dos seus alunos. A pandemia já trouxe consigo o desafio inicial da quebra do vínculo afetivo na sua forma física.

Com isso, as aulas remotas vieram como a melhor solução para amparar o processo de aprendizagem dos alunos. Independentemente do cenário mundial, a educação continua sendo uma prioridade, por se tratar de algo fundamental para o futuro da sociedade. Entretanto, esse processo foi marcado por diversos desafios, com as aulas remotas a rotina das professoras mudou completamente. Os professores estavam imersos em uma rotina nova e insegura, o ambiente da sala de aula mudou completamente e novas demandas foram exigidas.

Por trás da profissão, existem seres humanos como qualquer outros, que também estavam sofrendo perdas, ficando cada vez mais ansiosos e preocupados com o cenário mundial que favorecia esse tipo de sentimento, e isso sem dúvida, afetava diretamente no rendimento profissional. Além disso, os professores deixavam a rotina corrida, agitada e extremamente interativa, para serem sobrecarregados por

mensagens, planejamentos e cobranças. Tudo isso dentro de suas próprias casas, em frente a um computador. O desgaste físico e emocional tomou conta do dia a dia de um professor.

Além disso, a insegurança profissional tomou conta de diversos professores que não se sentiam bem em ministrar suas aulas de forma remota. Montar cenários, planejar aulas, gravar vídeos, editá-los, enviar aos pais, conferir se todos estão conseguindo acompanhar, corrigir atividades, elaborar recursos, ser criativo, pontual, acessível, prender a atenção e outras várias facetas. As atribuições do professor se multiplicaram e a carga horária de trabalho se estendeu a 24 horas por dia.

Nesse contexto, Santos e Nascimento (2020) apresentam relatos de professoras sobre esse período:

“A dificuldade em aprender a utilizar novas ferramentas e o fato que a cobrança é demais em curto prazo e sobre as novas tecnologias usadas, por exemplo, eu posso citar o fato de que várias pessoas têm dificuldades em falar em público, mas falar para uma câmara é algo desafiador e novo” (SANTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 6).

“A primeira adaptação foi conciliar ambiente de trabalho com o familiar, a privacidade foi invadida. De repente minha casa tornou-se ambiente de trabalho, depois veio a adaptação ao uso de ferramentas tecnológicas e o fato de dar aulas com alunos ‘ausentes’, a frieza de uma aula online sem interação presencial. Tudo aconteceu repentinamente e sem que estivéssemos preparados” (SANTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 8).

Segundo Silva, Amorim e Ferreira (2021), os professores, durante o período das aulas remotas, ficaram sobrecarregados, cansados das telas e estressados por causa do isolamento social. A rotina mudou completamente, e o pior era a inexistência de uma previsão exata para o retorno presencial. Diante disso, vale ressaltar que a figura do professor, mais do que nunca, precisou estar sempre inovando e reaprendendo, para se adequar as novas realidades da sociedade.

4.2 O ALUNO

Segundo Alves (2020), o maior desafio da educação remota foi na rede pública, por inviabilizar o acesso ao conhecimento a um grupo de alunos que tendem a ser socialmente menos favorecidos. Assim como os professores tiveram que se adequar,

os alunos mudaram suas rotinas da noite para o dia. A sala de aula, que era um ambiente aberto, interativo, que estimulava a comunicação e a convivência, passou a ser uma tela cansativa e “sem graça”.

De acordo com Silva, Amorim e Ferreira (2021), a interação entre os alunos é de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem. O distanciamento ocasionou danos profundos nesse sentido, além das possíveis defasagens na vida escolar dos alunos. Nesse contexto, os alunos, da noite para o dia, também perderam suas referências presenciais. Se para os professores foi difícil se adaptar, imagina para crianças e adolescentes.

Os alunos já não estavam mais inseridos num ambiente favorável para que a aprendizagem ocorresse, não tinha mais uma referência física em sala de aula, não interagiam com seus colegas, não tinham mais uma rotina fixa para seguir, etc. Todos esses aspectos afetavam diretamente no interesse pelas aulas remotas e no seu rendimento no processo de aprendizagem.

Segundo Miranda, Lima e Oliveira (2020), os desafios enfrentados pelos alunos estão relacionados com: dificuldade na realização das atividades propostas, falta de compromisso com as tarefas, desmotivação para o ensino remoto, demora para devolver as atividades à professora, falta de um acompanhamento assíduo nas aulas, dificuldade de organização dos horários de estudos e a dificuldade para acessar a internet com estabilidade. Dessa forma, percebe-se uma situação complexa e sensível tanto da perspectiva dos professores, quanto dos alunos (e a seguir serão citadas as situações da família), isso que exige mais uma vez da instituição escolar a empatia e a habilidade para superar os desafios ocasionados nesse período.

De acordo com Cobucci, Oliveira e Viana (no prelo) a pandemia evidenciou ainda mais as desigualdades sociais entre os educandos, principalmente os da rede pública. Havia a necessidade de impressão e entrega de material aos alunos, já que muitos deles não tinham computador em casa. Em alguns casos, somente um membro da família tinha celular com Internet, mesmo assim, a conectividade era limitada e instável.

Ao se observar a realidade do ensino remoto na Educação Básica, especialmente nas escolas públicas, pode-se verificar a negação dos princípios determinados pelo art. 3º da LDB, uma vez que a igualdade de condições de acesso e permanência na escola está sendo radicalmente

infringida, pela falta de equipamentos tecnológicos, que muitas vezes são inexistentes ou inadequados e pela falta de acesso à Internet de grande parte da população, principalmente em áreas rurais. Observa-se ainda que a igualdade de condições de acesso e permanência, que naturalmente já não se concretizava de fato na educação presencial, tornou-se ainda mais falha no ensino remoto. (COBUCCI; OLIVEIRA; VIANA. No prelo)

É oportuno destacar que, mesmo os estudantes que tinham condições de acesso a uma Internet dita de qualidade, estavam sempre sujeitos a falhas no sistema, pois esse foi um período onde houve uma grande demanda de consumo de Internet, devido aos novos hábitos de interação virtual que foram adotados.

4.3 A FAMÍLIA

De acordo com Alves (2020), um outro desafio frente às aulas remotas está relacionado com a questão familiar. Isso se deu, principalmente porque o processo de ensino e aprendizagem não se submete apenas à relação professor-aluno em sala de aula, até porque a sala de aula no período remoto era a própria casa de cada aluno. Com isso, vale destacar e caracterizar as possíveis realidades familiares encontradas.

Com a pandemia, muitos familiares foram obrigados a se isolarem em casa, criando um ambiente agitado, com diversas pessoas isoladas no mesmo ambiente, o que por si só já tende a ser algo estressante. Ademais, muitas famílias moram em casas pequenas, de um cômodo, em ambiente muito quente, sem privacidade para as crianças acompanharem as aulas. Além disso, há aqueles pais e/ou responsáveis que não pararam de trabalhar fora de casa e, conseqüentemente, não conseguiram acompanhar o processo de aprendizagem dos seus filhos. Ainda há aquelas famílias que não possuíam recursos financeiros suficientes para ter um bom acesso à internet e nem um outro meio de acesso de qualidade.

Um grande quantitativo de crianças brasileiras em fase de alfabetização não possui suporte parental adequado e/ou acesso à Internet em seu processo de aquisição da linguagem escrita. A partir desse desafio, o educador contemporâneo precisou ressignificar o seu fazer docente, em busca de um planejamento baseado na necessidade de superação das desigualdades de condições dos alunos da rede pública de ensino. Diante do ensino remoto, o educador teve, sobretudo, a oportunidade de desenvolver e estabelecer novas estratégias e práticas mais críticas e efetivas, voltadas às peculiaridades do ensino digital e às necessidades atuais dos estudantes. (COBUCCI; OLIVEIRA; VIANA. No prelo)

A realidade remota pegou os professores, os alunos e os pais desprevenidos. Segundo Alves (2020), os pais também sentiam dificuldades para ensinar, tirar dúvidas e realizar as atividades escolares com seus filhos, o que é dificultado pelo grau de escolaridade familiar. Nesse sentido, houve aqueles contextos familiares que depositavam toda a responsabilidade nos professores, deixando seus filhos à mercê do próprio interesse e do alcance do (a) professor (a), por meio de intervenções *online*. Os professores que tinham que prender a atenção dos alunos nas telas, tinham que propor, elaborar e corrigir as atividades com os alunos.

5 INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE PRÁTICA

5.1 METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu em duas escolas, uma de rede privada, localizada em Sobradinho, Brasília – DF, e outra da rede pública, localizada no Cruzeiro, Brasília – DF. As participantes da pesquisa foram duas professoras do 1º ano do ensino fundamental, sendo uma da rede particular e a outra da rede pública de ensino. O questionário aplicado tem como objetivo a obtenção de informações sobre o processo de alfabetização e as possíveis dificuldades encontradas durante o período de aulas remotas.

A análise em questão busca investigar o processo de alfabetização em tempos de aulas remotas, ressaltando as principais dificuldades encontradas em duas realidades diferentes (pública e privada). Sendo então, relevante investigar e analisar o contexto educacional e os principais desafios encontrados. Sendo de suma importância identificar os desafios, para, assim, traçar estratégias interventivas se necessário.

A pesquisa associa as concepções teóricas com a prática, ou seja, a prática foi analisada à luz das contribuições teóricas. Nesse sentido, a pesquisa teve como instrumento de coleta de dados um questionário com 06 perguntas abertas, todas discursivas e de caráter qualitativo.

Durante a elaboração do questionário, as perguntas foram criadas, analisadas e reorganizadas para que, de fato, respostas completas e objetivas fossem obtidas. Foi priorizado questionar sobre os maiores desafios enfrentados como professor, o processo de adaptação dos alunos no ensino remoto, as principais mudanças no processo de alfabetização nesse novo contexto pandêmico e sobre as diferenças durante o período remoto em relação a como era presencialmente.

As perguntas do questionário foram as seguintes:

1. Durante o período de aulas remotas, quais foram os maiores desafios enfrentados como professora?
2. Na sua opinião, como foi a adaptação dos seus alunos durante as aulas remotas? Relate alguma(s) experiência(s).
3. O que mudou no processo de alfabetização dos seus alunos em relação ao ensino presencial?
4. Como você normalmente conduz o processo de alfabetização em sala de aula? Dê exemplos das suas principais práticas de alfabetização.
5. Como você conduziu o processo de alfabetização durante o período remoto? Conte suas experiências.
6. Em relação ao processo de alfabetização, como você acha que seus alunos passaram para o 2º ano?

5.2 ANÁLISE DE DADOS

Como durante a realização desta pesquisa ainda estávamos na pandemia, com a determinação da Universidade de Brasília de só realizar atividades de forma remota, a aplicação do questionário ocorreu por meio do aplicativo *WhatsApp*.¹ As professoras colaboradoras da pesquisa receberam as perguntas por escrito e foram incentivadas a responder por áudio, para que se sentissem mais confortáveis para responder quando pudessem e de forma mais espontânea.

¹ Aplicativo de comunicação, onde mensagens de texto, áudio, imagens, vídeos e/ou documentos são enviados instantaneamente. Pode ser baixado na Play Store: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.whatsapp&hl=pt_BR&gl=US.

A professora da rede privada é formada em pedagogia e é especializada em neuropsicopedagogia e orientação educacional. Ela tem 35 anos e trabalhava a 3 anos no colégio atual. A turma dela durante o período das aulas remotas tinha 7 crianças, com idade de 6 e 7 anos. A plataforma utilizada para ministrar as aulas foi o *Microsoft Teams*².

A professora da rede pública é formada em pedagogia, não informou a sua idade e atua como professora a 5 anos, sendo 2 na escola atual. A turma dela durante o período remoto tinha 12 alunos, com idade de 6 e 7 anos. Foram utilizadas duas plataformas do *Google* para organizar a dinâmica das aulas: *Google Meet*³ e *Google Classroom*⁴.

Primeira pergunta do questionário: **Durante o período de aulas remotas, quais foram os maiores desafios enfrentados como professora?**

O primeiro e maior desafio foi a forma urgente em que tivemos que nos familiarizar com a plataforma, presente em muitos momentos da vida, mas pouco vista ou usada. Tivemos que aprender a utilizar e adequar nosso planejamento a nova realidade. O segundo desafio foi entrar nas casas, de forma literal. Passamos a ter crianças e seus familiares participando e precisando auxiliar nosso trabalho. As famílias, sem dúvida, foram essenciais para as aulas remotas. (PROFESSORA DA REDE PRIVADA)

Um dos maiores desafios enfrentados durante o período das aulas remotas foi o acompanhamento da família no acesso as aulas e no acompanhamento da realização das atividades. As atividades muitas vezes ficavam com atraso, porque os alunos estavam em aula remota e os pais continuaram a trabalhar presencialmente, não tendo quem desse suporte para que as crianças fizessem essas atividades. (PROFESSORA DA REDE PÚBLICA)

Diante dos dados obtidos, percebe-se que o desafio mais evidente é o fato de que o ambiente de sala de aula mudou totalmente e de forma repentina. Saindo de um local em que o professor possuía uma atenção mais estável e os momentos eram planejados para favorecer ao máximo o processo de ensino e aprendizagem, e passando a ser um local instável e cheio de distrações externas.

² Uma plataforma de comunicação por voz, vídeo e chat, sendo capaz de armazenar arquivos e promover muita interação online. Pode ser baixado no site: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-teams/download-app>.

³ Serviço de comunicação por vídeo, voz e bate papo. Não precisa ser baixado. Disponível em: <https://meet.google.com/?pli=1>.

⁴ Sistema de gerenciamento de conteúdo, utilizado para a criação, distribuição e avaliação das atividades escolares e tarefas a serem realizadas. Não precisa ser baixado. Disponível em: <https://classroom.google.com>.

Nesse momento, faz-se relevante enfatizar que os desafios da educação em tempos de pandemia precisam ser superados para a garantia de um ensino de qualidade (BARROS, 2021). Segundo o Dicionário Online de Português (2021), o termo desafio pode ser entendido como uma ocasião ou grande obstáculo que deve ser ultrapassado.

Diante dessas concepções, nota-se que o próprio termo “desafio” já pede uma solução. No contexto educacional, isso se faz extremamente necessário, sejam em aulas presenciais, híbridas, remotas ou totalmente à distância, os desafios sempre existirão, e precisam ser superados.

Percebe-se a diferença dos desafios vividos pelas duas professoras em seus contextos. A professora da rede privada destaca, de maneira positiva, que as famílias foram essenciais nesse período remoto. Já a professora da rede pública cita que justamente, a falta do acompanhamento das famílias para com as crianças foi um de seus maiores desafios.

Essa falta do acompanhamento aos alunos por parte das famílias e/ou responsáveis, acarretava em tarefas entregues com atraso, incompletas, ou que muitas vezes nem chegavam a ser entregues a professora. Fato que, conseqüentemente dificultava o planejamento da professora e olhar o pedagógico e atento que ela precisava ter sobre cada aluno. É desafiador trabalhar para superar as dificuldades e desenvolver as potencialidades da criança, quando não se tem um parâmetro do que ela está conseguindo absorver e assimilar.

Sendo assim, vale ressaltar a importância da família no contexto de aulas remotas. Segundo Sousa (2008, p. 3), “a família se revela não somente como fator indispensável na estabilidade emocional da criança como também na sua educação, com isso, o sucesso da tarefa da escola depende da colaboração familiar ativa”.

Segunda pergunta do questionário: **Na sua opinião, como foi a adaptação dos seus alunos durante as aulas remotas? Relate alguma(s) experiência(s).**

Acredito que foi mais difícil para nós, professores. As crianças de hoje em dia "reinam" no âmbito da tecnologia. Eu sempre procurava usar as ferramentas a meu favor como: contação de histórias pelo *YouTube*, correção pelo *Paint* e outros. (PROFESSORA DA REDE PRIVADA)

Sobre as aulas assíncronas, que ocorreram no *Meet*, foi relativamente tranquilo, as crianças se adaptaram bem e até que rápido. No começo, havia

um pouco de estranheza porque eles não sabiam mexer na própria ferramenta (entrar e sair da reunião, abrir e fechar o microfone e câmera) e também não se conheciam pessoalmente. Mas isso foi rapidamente superado, fomos nos conhecendo e nos adaptando. (PROFESSORA DA REDE PÚBLICA)

Naturalmente espera-se que as crianças se adaptem ao ambiente virtual com mais facilidade, entretanto, o processo de adaptação precisou considerar muito mais do que só a rotina tecnológica no período de aulas remotas. Segundo Silva (2021), quando comparado aos adultos, a pandemia e o isolamento social possuíram um efeito socioemocional mais nocivo na vida das crianças, devido as mudanças abruptas nas relações e nos comportamentos humanos, refletidos em suas rotinas.

De acordo com Barbosa (2006), a rotina opera como uma base organizadora na vida diária e cotidiana das crianças. Além disso, a rotina abrange todos os momentos que aconteceram no ambiente escolar: hora da acolhida, momentos de história, de realização de atividades, do lanche, de brincadeiras, do repouso, de explorações, dentre outras. Tudo que, presencialmente, acontecia com muita interação social.

O processo de aprendizagem das crianças precisa acontecer de uma forma divertida. Entretanto, a diversão no ambiente escolar relaciona-se com mais intensidade, a aprendizagem por meio de brincadeiras e interações em grupo, do que se limitando a alguma metodologia específica. Essa interação foi um dos aspectos mais prejudicados por causa das aulas remotas, o que exige do professor mais planejamentos que propiciem momentos assim, mesmo que virtualmente.

Com isso, não há como afirmar que foi mais difícil para algum grupo específico, professores, alunos e responsáveis tiveram que se desdobrar e se reinventar de diversas formas. Cada um sentiu um tipo de desafio diferente na pele, não foi fácil para ninguém.

Terceira pergunta do questionário: **O que mudou no processo de alfabetização dos seus alunos em relação ao ensino presencial?**

Sem dúvida a grafia de algumas palavras. Na alfabetização a proximidade é necessária. Por mais que os pais ajudassem, as metodologias de escrita e leitura precisam do nosso olhar. Eu sempre pedia foto das atividades e quando olhava letras escritas com grafia diferente, escrevia a forma correta e devolvia ao pai para auxiliar na correção. Foi a forma que encontrei para essa proximidade. (PROFESSORA DA REDE PRIVADA)

Foi a adaptação ao cenário do contexto de ensino remoto, as ferramentas que tínhamos no presencial eram diferentes das que estavam disponíveis durante as aulas remotas. Por exemplo, no ensino remoto eu passava slides para os alunos, eu criava esses slides no aplicativo *Canva* para ficar bem colorido. Além disso, eu dava a aula por meio de slides ou quadros brancos para irmos escrevendo durante a aula. Isso foi importante para que as crianças acompanhassem visivelmente sobre o que estávamos falando em sala de aula, porque a maioria não reconhecia nem as letras do alfabeto. Nesse contexto, tivemos que adaptar explicações, momentos de atividades e de jogos, para o contexto virtual. (PROFESSORA DA REDE PÚBLICA)

O processo de alfabetização, por si só, requer muito tempo de dedicação em sala de aula. Na rede privada de ensino, as aulas remotas começaram bem antes do que na rede pública, isso motivado pelo medo dos gestores de perderem seus alunos e conseqüentemente, a renda, os funcionários e a estabilidade financeira.

As escolas da rede pública começaram as aulas remotas meses depois, em comparação com a rede privada. Quando enfim, as aulas remotas começaram a acontecer na rede pública, a carga horária estava extremamente reduzida, variando de 1 a 5 horas de aula por semana. Em alguns casos, nem mesmo isso. As crianças só recebiam um *PDF*⁵ com as atividades da semana, onde os pais e/ou responsáveis precisavam se adaptar para realizar com as crianças.

Promover um processo de alfabetização de qualidade exige tempo, esforços, estratégias e recursos especializados. Um atraso no processo de alfabetização não compromete só a leitura e escrita dos estudantes, mas sim, uma gama de áreas e disciplinas. Por isso, pode-se afirmar que a alfabetização e letramento são a base de todo o ensino básico. As defasagens nessa etapa são sérias e precisam ser levadas em consideração nos planejamentos e intervenções pedagógicas.

Ao comparar a resposta da professora da rede privada com a da rede pública, percebe-se uma diferença significativa. Na rede privada, o destaque da professora foi acerca da grafia das letras. Já na rede pública, foi destacado que poucas eram as crianças que já reconheciam as letras do alfabeto. Com esses relatos, pode-se refletir que as defasagens no processo de aprendizagem ocorreram com mais intensidade na realidade do ensino público brasileiro, devido principalmente, ao tempo que era disposto para as aulas síncronas.

⁵ Portable Document Format (PDF), é um formato de arquivo que representa documentos de maneira independente de aplicativos.

Quarta pergunta do questionário: **Como você normalmente conduz o processo de alfabetização em sala de aula? Dê exemplos das suas principais práticas de alfabetização.**

A alfabetização é uma caixa de presente, uma surpresa. Algumas crianças conseguem abrir o presente com mais rapidez e outras não, nós precisamos respeitar o tempo de cada criança. Eu, nas minhas práticas, sempre costumo utilizar o método fônico⁶ associado ao silábico⁷, para que a criança consiga entender e apropriar os conhecimentos de fato. Começo sempre pelo método fônico, abordando as letras e os seus sons. Eu gosto muito de trabalhar com banco de palavras⁸ e com alfabeto móvel⁹, fazendo toda uma preparação com a palavra nova a ser estudada. Semanalmente organizamos os planejamentos para contemplar uma letra de cada vez, onde algumas palavras específicas são trabalhadas com as crianças. Elas, após o período das aulas remotas, vieram para a sala de aula com algumas defasagens, isso é nítido, porque antes da alfabetização em si, a criança precisa aprender a segurar no lápis, a utilizar a massinha, pintar, recortar e etc. Sendo que no ano anterior, como também estavam em aula remota, esse desenvolvimento não aconteceu da forma ideal. Com isso, no começo das aulas, eu tive que dedicar bastante tempo em momentos para desenvolver esse lado psicomotor das crianças, porque eu tinha diversas crianças que não conseguiam segurar no lápis, nem embolar uma bolinha de papel e muito menos, utilizar a tesoura. Isso deve ter acontecido porque em casa, essas atividades que demandavam um trabalho mais manual, eram geralmente feitas pelos pais, que não tinham muita paciência e acabavam pegando para fazer sozinhos, sem muito incentivo para que a criança fizesse e tivesse autonomia, mesmo que fosse do jeitinho deles. (PROFESSORA DA REDE PRIVADA)

No ensino presencial, geralmente as aulas eram organizadas para contemplar uma ou duas letras por semana, sempre começando as aulas com uma história. Com o auxílio do quadro, exploramos o som das letras e as possíveis palavras que podemos encontrar com as letras, partindo também, para uma análise das sílabas. Uma das maiores diferenças do ensino presencial para o remoto, é a disponibilidade do tempo, sendo que no presencial tínhamos muito mais tempo para explorar em sala de aula. A semana que era composta por 5 aulas na média de 5 horas por dia, passou a ser apenas 2 encontros semanais na média de 50 minutos. Com isso, o tempo era pouco para tanta demanda. (PROFESSORA DA REDE PÚBLICA)

O ponto apresentado pela professora da rede privada foi muito interessante, sobre a defasagem psicomotora do processo de alfabetização. Como a rotina infantil mudou, automaticamente os seus estímulos externos também mudaram. Em sala de aula, a criança possuía um tempo destinado para desenvolver cada uma de suas habilidades. Durante o período remoto, bem como a professora da rede pública

⁶ Segundo Capovilla (2004), o método fônico consiste em conjuntos de estratégias que visam o desenvolvimento da consciência fonológica, ou seja, a relação entre o som e a letra.

⁷ Segundo Medeiros e Oliveira (2008), o método silábico tem como base desenvolver a consciência silábica, ou seja, as regras e padrões para se formar uma sílaba e, com isso, formar palavras.

⁸ Conjunto de palavras para serem estudadas em coletivo.

⁹ Recurso que contém peças que representam todas as letras do alfabeto, que podem ser manuseadas para formação de sílabas, palavras e frases.

ênfatiou, o tempo era curto e, querendo ou não, os pais interferiam de alguma forma na tentativa de auxiliar seus filhos da melhor maneira.

Entretanto, a falta de momentos para as crianças manusearem a tesoura com autonomia, ou até mesmo, brincarem livremente com a massinha de modelar, foi algo que poderia ter sido mais desenvolvido nas aulas remotas. E, como foi destacado pela professora da rede privada, é algo extremamente importante dentro do processo de alfabetização.

Segundo Medeiros (2011), a psicomotricidade é extremamente importante dentro do contexto de alfabetização, porque proporciona ao aluno condições necessárias para que, com autonomia, ele se perceba como realidade corporal. O desenvolvimento de atividades psicomotoras contribui para o desenvolvimento cognitivo e previne possíveis defasagens.

Quinta pergunta do questionário: **Como você conduziu o processo de alfabetização durante o período remoto? Conte suas experiências.**

Durante o período das aulas remotas, eu tentei seguir o mesmo padrão do presencial, tendo uma letra por semana, onde exploramos palavras, com foco no som das letras e a formação de sílabas. Entretanto, tudo de uma forma adaptada, por meio de jogos, slides, vídeos e atividades mais interativas. (PROFESSORA DA REDE PRIVADA)

O que eu fazia em sala de aula presencial eu tentava adaptar ao ambiente virtual. Nem tudo dava certo, porque o contexto e as ferramentas são diferentes. Como para tudo a gente dependia do acesso à internet, as vezes a aula parava porque eu ou as crianças caíam da reunião, ou seja, ficávamos sem a conexão da internet necessária para participar da aula. Sobre o processo de alfabetização no ensino remoto, eu utilizava principalmente slides para conduzir a turma. Estudávamos uma ou duas letras por semana, apresentando histórias sobre a letra, a grafia e coisas que começavam com a letra estudada. Chegando ao fim do período remoto, as crianças já reconheciam a maioria das letras, também já conseguiam formar sílabas com autonomia e já conheciam melhor os fonemas. Com isso, passamos a fazer ditados sobre cada uma das letras que já tínhamos estudado. No momento de correção tínhamos um problema, por mais que as crianças tivessem feito, elas tentavam me mostrar pela câmera ou tirando foto para me enviar, mas, na maioria das vezes, era difícil ou impossível ler o que estava escrito, principalmente por causa da má qualidade da foto ou porque eles aproximavam muito a página da câmera. No ensino remoto, fazíamos uma brincadeira com a turma que não dava para ser realizada de forma presencial, que era como se fosse “o mestre mandou”. O mestre poderia ser qualquer pessoa da turma, onde começamos a trabalhar as cores e as formas geométricas com objetos da casa: “o mestre mandou os alunos da turma irem buscar um objeto vermelho e com a forma de um círculo!”. Em seguida, começamos a utilizar dessa brincadeira no processo de alfabetização, onde a busca agora seria relacionando a letra ou sílaba inicial das coisas. (PROFESSORA DA REDE PÚBLICA)

Ambas as professoras relataram a tentativa de adaptar o planejamento presencial ao meio virtual. As aulas, que antes aconteciam presencialmente, precisaram ser reorganizadas e contextualizadas para o ambiente virtual e tecnológico. De acordo com o Dicionário Online de Português (2021), a contextualização é a “ação ou efeito de contextualizar, de apresentar as circunstâncias que rodeiam um fato, de inserir num contexto. Associação de um conhecimento ao seu ponto de início, origem e aplicação.”

A partir disso, as aulas, repentinamente, foram obrigadas a serem inseridas num contexto virtual. Esse processo de adaptação exige do professor conhecimento tecnológico e, principalmente, a criatividade. Isso é necessário para a criação de estratégias como a indicada pela professora da rede pública, que acabou descobrindo uma brincadeira que possuía mais eficácia no período de aulas remotas.

Sendo assim, adaptar as aulas no período remoto não deve se limitar exclusivamente à uma nova organização, desenvolvendo exatamente o que seria ministrado no presencial e mudando um pouco para ser apresentado virtualmente. É de suma importância que novas estratégias sejam criadas e reinventadas, até porque um novo ambiente pede novas intervenções pedagógicas.

Sexta pergunta do questionário: **Em relação ao processo de alfabetização, como você acha que seus alunos passaram para o 2º ano?**

Bom, até a criança que começou o ano com mais dificuldade, até mesmo de segurar o lápis, foi a criança que saiu lendo e escrevendo, se destacando por ter a letra mais bonita e redondinha. Com isso, acredito que os meus alunos caminharam bem durante o 1º ano, chegando ao 2º ano de uma forma satisfatória. É claro que se todo o período tivesse ocorrido presencialmente, a leitura e a compreensão de texto estariam bem mais avançadas, mas, considerando a realidade enfrentada, a turma passou para o 2º ano muito bem. (PROFESSORA DA REDE PRIVADA)

Os alunos passaram como deu para passar, porque fizemos o que estava ao nosso alcance. Eu e as minhas colegas professoras falávamos sempre “fizemos o que podíamos, com as ferramentas que tínhamos”. Uns passaram super bem, outros nem tanto, mas o trabalho foi feito da melhor forma possível. A minha turma do 1º ano é composta por alunos de diversos níveis no processo de alfabetização, alguns já conseguem fazer pequenas produções textuais, outros agora que estão começando a formar palavras com autonomia. Nem todos chegaram ao 2º ano da forma adequada, mas com certeza o que eu poderia ter feito, eu fiz. (PROFESSORA DA REDE PÚBLICA)

É notável, mais uma vez, a divergência entre o relato da professora que atua na rede privada para a rede pública de ensino. Por mais que as duas relatem

dificuldades e possíveis defasagens, aparentemente, o processo de alfabetização ocorreu mais satisfatoriamente na escola privada, pois os alunos tinham mais facilidade de acesso as aulas *on-line*, a carga horária era maior e isso influenciava diretamente no acompanhamento pedagógico e contínuo da professora. O relato da professora da rede pública apresentou uma grande variedade nos níveis no processo de alfabetização, já na rede privada isso aparentava estar mais homogêneo.

Além disso, percebe-se que a professora da rede pública parece demonstrar uma certa insatisfação pelo resultado obtido e, também, uma ansiedade em relação processo de alfabetização. Como já foi dito, esse processo é a base de todo ensino, o que gera sim uma grande responsabilidade por parte dos professores. Essas divergências entre os resultados alcançados por parte da escola pública e privada podem ser justificadas ao olhar para as diferentes condições de aula, tanto na perspectiva institucional (que a privada iniciou as aulas remotas primeiramente, tinham a carga horária de aulas maior, etc), quanto nas condições pessoais e socioeconômicas dos professores e alunos.

Segundo Sebastian-Heredero (2017), a presença da ansiedade no processo de alfabetização é causada principalmente, pelo “problema” da alfabetização. Esse problema está ligado às dificuldades para alcançar as metas desejadas, isso que estimulou historicamente a implementação de programas de alfabetização, que visavam atingir as metas de alfabetização em todos os alunos (como o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC¹⁰). Sendo assim, percebe-se que a realidade dos professores que atuam no 1º ano do ensino fundamental é cercada pela ansiedade e cobrança em relação à condução dos alunos para o nível alfabético.

Entretanto, a preocupação excessiva do professor em alcançar as metas não é o que resolve esse problema, muito pelo contrário, fortalece e desvia a atenção do que realmente deveria estar sendo levado em conta: uma prática docente que, satisfatoriamente, promova e estimule os alunos, levando em consideração seus

¹⁰ O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC - é um programa do Ministério da Educação (MEC) que conta com a participação articulada entre Governo Federal, governos estaduais e municipais e do Distrito Federal, dispostos a mobilizar esforços e recursos na valorização dos professores e das escolas; no apoio pedagógico com materiais didáticos de qualidade para todas as crianças do ciclo de alfabetização e na implementação de sistemas adequados de avaliação, gestão e monitoramento, objetivando alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade, apresentando como referência o Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 e a Meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL,2007).

conhecimentos prévios e suas hipóteses acerca dos conteúdos. Não desconsiderando a importância da alfabetização na idade certa, mas vale destacar que a “idade certa” não se limita apenas ao 1º ano.

Foi perceptível que, na visão das duas professoras pesquisadas, a figura do docente passou por momentos de grande tensão nesse período de adaptação do ensino, tanto emocionalmente quanto pedagogicamente. As aulas da rede pública demoraram mais tempo para retornarem e, quando retornaram remotamente, foram estruturadas em um modelo que não apresentou tempo de qualidade para que o ensino e a aprendizagem realmente se concretizassem em cada contexto familiar dos estudantes. Sabendo que esse período foi um momento emergencial, torna-se algo compreensível. Entretanto, defasagens e dificuldades de aprendizagem foram surgindo nesse tempo, com isso, faz-se necessário projetos de intervenção pedagógica para reforçar as aprendizagens essenciais nos anos seguintes.

5.3 EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS PESQUISADAS

Além dos resultados obtidos por meio da aplicação do questionário, as professoras se disponibilizaram a mandar fotos de alguns momentos práticos que elas vivenciaram durante o período das aulas remotas. As Imagens 1 a 3 são referentes à professora da rede privada, já as imagens 4 a 7 são da professora rede pública.

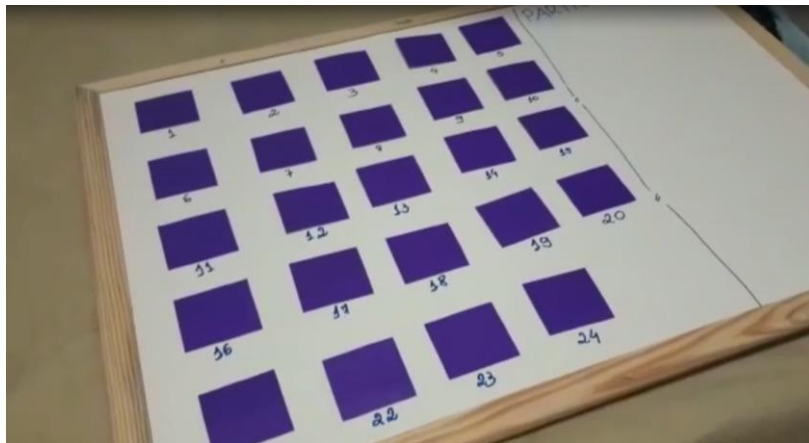
IMAGEM 1: Fichas com os nomes dos alunos



Fonte: Professora da rede privada (2021).

IMAGEM 2: Mão para contagem

Fonte: Professora da rede privada (2021).

IMAGEM 3: Quadro para atividades extras

Fonte: Professora da rede privada (2021).

As imagens 1 a 3 foram enviadas pela professora da rede privada, juntamente com isso, ela enviou fotos das crianças realizando diversas atividades (que não foram divulgadas para preservar as suas identidades). Enquanto enviava as fotos, a professora explicava como utilizava esses materiais em sua rotina na sala de aula virtual. Ela gostava sempre de iniciar as aulas fazendo a chamada com as fichas dos nomes dos alunos e aproveitava esse momento para revisar as letras iniciais e as sílabas presentes em cada nome próprio.

A professora também mandou foto das mãos que foram produzidas por cada criança. Em todas as fotos que as crianças apareciam, foi perceptível a alegria que elas sentiam em participar das aulas e em realizarem as atividades que eram propostas.

Cada criança fazia a atividade e as produções artísticas com os recursos que tinham em casa, algumas usavam papel criativo, folha do caderno e, até mesmo, folha de guardanapo. Isso mostra uma possibilidade interessante dentro desse contexto, apontando mais uma vez para a habilidade de adaptação que esse período remoto exigiu dos professores e dos alunos.

Na terceira imagem está o quadro que a professora falou que utilizava bastante em suas aulas remotas, sendo que foi algo que ela precisou comprar por conta própria, no início do período remoto. Ela sentiu a necessidade de comprar para utilizar com seus alunos, para representar o traçado de algumas letras e palavras para as crianças, para sanar as dúvidas que estavam surgindo. Além do quadro, ela enfatizou que utilizou bastante o *Power Point*¹¹ para apresentar as propostas da aula do dia.

IMAGEM 4: Produção artística do dia da consciência negra




Fonte: Professora da rede pública (2021).

¹¹ Um programa de criação, edição e apresentação gráfica. Com ele é possível criar slides com imagens, vídeos e textos dinâmicos. Disponível no sistema operacional da *Windows*.

IMAGEM 5: Formando frases

1) OBSERVE AS IMAGENS ABAIXO E FORME FRASES. TENDE RELACIONÁ-LAS À HISTÓRIA: "MEDO DE CRIANÇA".



O MONSTRO É ROXO

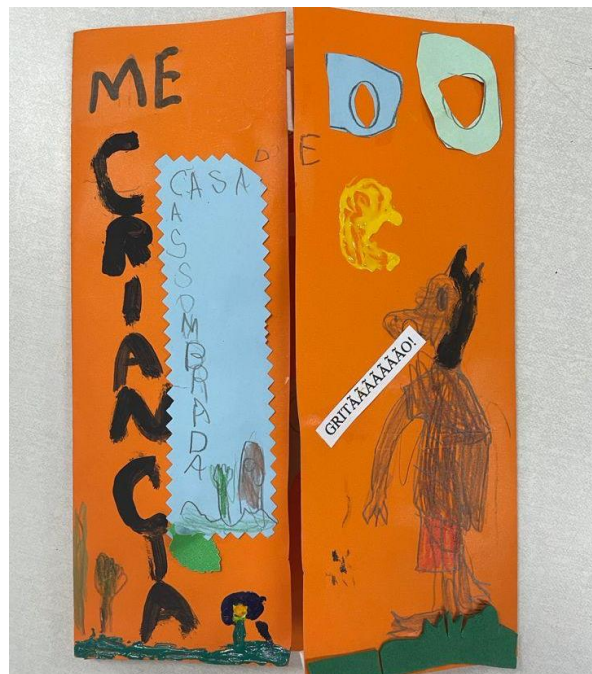
O MEDO É BOBO

O FANTASMA É FEIO

O LOBOSOMEN É CARNIVORO

Fonte: Professora da rede pública (2021).

IMAGEM 6: Produção artística literária



Fonte: Professora da rede pública (2021).

IMAGEM 7: Roleta das emoções



Fonte: Professora da rede pública (2021).

As imagens de 4 a 7 foram enviadas pela professora da rede pública, juntamente com mensagens explicativas sobre cada proposta exemplificada. A primeira proposta enviada, sobre a produção artística da consciência negra, foi realizada em coletivo, virtualmente. Cada criança ficou livre para produzir com os recursos que tinham em casa, algumas utilizaram barbante (como na ilustração), outras pegaram o que encontraram em casa, como: feijão, massinha, bolinha de papel e raspas de lápis.

Na segunda atividade que ela enviou, está uma atividade de produção de frases em ficha, onde as crianças precisavam escrever a frase em ditado, ouvindo e escrevendo espontaneamente. Em seguida, elas precisavam registrar por meio de foto e enviar para a professora.

A professora da rede pública enfatizou que gostava de promover momentos de contação de história e, a partir disso, extrair palavras para serem analisadas. Depois desse momento literário, a professora oportuniza situações de criação artística, para que a criança expresse o que ela entendeu da história, introduzindo elementos de escrita juntamente com os desenhos.

Por último, a professora mandou uma atividade e relatou que era a que as crianças mais tinham gostado: a roleta das emoções. Com a roleta, as crianças tinham um momento para relatarem sua opinião sobre as diferentes emoções, exemplificando isso em seu cotidiano. Além disso, a partir das falas das crianças, a professora selecionava palavras e que dessas palavras seriam formadas novas frases.

Diante de todas essas contribuições, foi possível sentir levemente o clima das aulas remotas, que apesar de ter sido muito difícil em alguns aspectos já apresentados, foram conduzidas com muito amor e profissionalismo dos professores, sejam em escolas públicas ou privadas.

Todas as pessoas que vivenciaram a experiência de viver, trabalhar, ensinar, aprender na pandemia certamente têm muito a compartilhar: Como foi/está sendo o período de distanciamento? Qual foi a pior e a melhor parte? O que aprendemos? Descobrimos novas habilidades, novos talentos? E certamente, temos muitas reflexões para perspectivas futuras: Como será o mundo, o país, as relações, o ensino daqui em diante? O que fica? O que vamos valorizar mais? O que pode ser diferente? Nosso propósito neste texto foi compartilhar o nosso olhar, as nossas vivências a respeito desse momento único no mundo. Todos os professores poderiam falar e escrever sobre os seus desafios, problemas, angústias, dúvidas e medos. Certamente poderiam falar também sobre os seus avanços e conquistas, sobre as adversidades vencidas, as aprendizagens e, especialmente, sobre a luta diária como professor brasileiro, diante da nova realidade que nos foi imposta, a Covid-19. (COBUCCI; OLIVEIRA; VIANA. No prelo)

Todos se doaram para atravessar esse momento da maneira mais leve possível, sem permitir que a esperança de um ensino de qualidade deixasse de existir, mesmo com tantas situações desafiadoras e desanimadoras. Os professores, assim como muitos outros profissionais, se mostraram verdadeiros heróis nesse período pandêmico, evidenciando toda a sua importância e relevância dentro da sociedade e deixando a reflexão sobre a nossa capacidade, enquanto seres humanos e dependentes uns dos outros, de enfrentar as dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão destaca os desafios encontrados na prática durante o período emergencial das aulas remotas, essas que foram causadas pela pandemia do novo Covid-19. Nesse sentido, a pesquisa percorreu um desenvolvimento bibliográfico, partindo da conceitualização dos termos alfabetização e letramento, contextualizando o panorama do Distrito Federal durante o período das aulas remotas e aprofundando as análises acerca das dificuldades enfrentados pelos professores, pelos alunos e pelas famílias.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar os desafios encontrados no processo de alfabetização e letramento durante o período do ensino remoto. Sendo fundamentado em prol de responder os questionamentos a seguir: O que é o ensino remoto? Por que ele aconteceu? Como foi? Quanto tempo durou? Quais foram os principais desafios encontrados pelos docentes no processo de alfabetização e letramento durante o ensino remoto?

A mudança repentina do ensino presencial para o ensino remoto foi algo previsto pelo Ministério da Educação (MEC), devido à necessidade de controlar os altos índices de contágio e óbito causados pelo Covid-19 em 2020. Esse modelo de ensino consiste na adaptação da rotina escolar por meio de recursos tecnológicos, em que a sala de aula presencial dá lugar ao ambiente totalmente virtual, onde todas as interações e aprendizagens acontecem por meio da tecnologia.

Foi possível concluir que essa mudança foi uma medida temporária e necessária, durando em média 6 meses na rede privada e 17 meses na rede pública. Mesmo com o retorno presencial, foi perceptível a importância do ensino híbrido nesse momento, sendo uma forma de garantir a segurança contra o novo vírus para aqueles que ainda não se sentiam confortáveis para retornar presencialmente e, principalmente, para controlar possíveis surtos de contágio.

Mesmo diante dessa realidade caótica de saúde, foi possível ver os benefícios que esse período remoto e híbrido trouxe para a educação, quando novas possibilidades tecnológicas começaram a ser analisadas e praticadas com mais intensidade e preparo. Com isso, a educação começou a trilhar um novo caminho,

criando novas possibilidades educativas, tendo como o foco as novas tecnologias de informação.

Além disso, ao analisar os principais desafios enfrentados pela equipe docente, pelos estudantes e pelos familiares nesse contexto de pandemia e aulas remotas, foi possível compreender que a mudança repentina afetou todos, de diferentes formas, mas que todos sofreram nesse processo de adaptação. Ficou nítido que o sofrimento se relacionou mais ao se adaptar ao novo, a sala de aula se transformou totalmente, influenciando tanto os professores, quanto os alunos e os seus pais.

Novo ambiente, novas demandas, novo jeito de ensinar, novo jeito de aprender, novo jeito de registrar, novo jeito de avaliar e por aí vai. As tarefas de sala estavam sendo realizadas em casa, e as de casa também. Os pais e/ou responsáveis, precisaram se desdobrar para acompanhar os seus filhos e promover um acesso estável à internet. Os estudantes precisaram lidar com o isolamento, a falta de interação social, a falta do ambiente e da rotina escolar.

Dessa forma, os horários e a rotina pessoal de cada um mudaram completamente, o que afeta no rendimento e no estado emocional dos envolvidos. Todos foram tirados de sua “zona de conforto”. Com a pesquisa aplicada às professoras, foi possível evidenciar as diferenças, potencialidades e dificuldades desse mesmo processo de adaptação nos dois contextos educacionais: público e o privado.

Diante de tudo o que foi exposto e analisado, percebe-se que a pandemia trouxe desafios e contribuições para a educação. Após a realização desta pesquisa, concluiu com convicção a necessidade de mais estudos a serem realizados nesse sentido pós-pandêmico, para que as particularidades educacionais que aconteceram nesse período sejam identificadas e possíveis defasagens sejam estudadas. Com isso, novos projetos interventivos podem ser criados e executados, em prol do avanço da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. **EDUCAÇÃO REMOTA: ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE**. *EDUCAÇÃO, [S. l.]*, v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

BARROS, Fernanda Costa; DE PAULA VIEIRA, Darlene Ana. Os desafios da educação no período de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 826-849, 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22591>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático – PNLD Pnaic**, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnld/pnld-pnaic#:~:text=O%20Pacto%20Nacional%20pela%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o,professores%20e%20das%20escolas%3B%20no>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

BRASÍLIA. **Volta as aulas nas escolas particulares do DF**; Justiça define como será testagem de funcionários para coronavírus. G1 DF, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/09/13/volta-as-aulas-nas-escolas-particulares-do-df-justica-define-como-sera-testagem-de-funcionarios.ghtml>>. Acesso em: 7 Nov. 2021.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra et al. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon, 2004.

CIRCULAR nº 5/2021-SEE/GAB. **Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**, de 4 de agosto, 2021.

COBUCCI, Paula; OLIVEIRA, Valentina; Viana, Emely. **Desafios, iniciativas, potencialidades e inspirações para o ensino remoto na alfabetização**. No prelo.

CONTEXTUALIZAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/contextualização/>>. Acesso em: 02/09/2021.

DE OLIVEIRA, Muriel Batista et al. O ensino híbrido no Brasil após pandemia do covid-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 918-932, 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22597>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

DE SOUSA, A. P. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 44, n. 7, p. 1-8, 10 ene. 2008. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/deloslectores/1821Sousa.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

DECRETO nº 40.648. **Governo do Distrito Federal**, de 23 de abril, 2020.

DECRETO nº 40.939. **Governo do Distrito Federal**, de 02 de julho, 2020.

DECRETO nº 41.214. **Governo do Distrito Federal**, de 21 de setembro, 2020.

DESAFIO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/desafio/>>. Acesso em: 05 de nov.

FERNANDES, S. M.; HENN, L. G.; KIST, L. B. Distance learning in Brazil: some notes. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. e21911551, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i1.1551. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1551>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FONSECA, ELAINE. **TRT-10 consegue acordo em audiência de conciliação sobre volta às aulas das escolas particulares no DF**. Justiça do Trabalho, 2020. Disponível em: <<https://www.trt10.jus.br/ascom/?pagina=showNoticia.php&ponteiro=53824>>. Acesso em: 7 Nov. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A. 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

KRAMER, S. ALFABETIZAÇÃO: DILEMAS DA PRÁTICA. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 9, 24 mar. 2020. Acesso em: <file:///C:/Users/VIVIANE/Downloads/340-Texto%20do%20Artigo-679-1-10-20200324.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. O processo de alfabetização escolar: revendo algumas questões. **Perspectiva**, v. 24, n. 2, p. 449-474, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1659>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia no Brasil: Saberes-fazer escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

MEDEIROS, Ana Cláudia Costa. **A Importância da Psicomotricidade para o processo de Alfabetização**. 2011. 54 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Universidade de Brasília, Universidades Aberta do Brasil, 2011. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/2188>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

MEDEIROS, Tatiana Gonçalves de; OLIVEIRA, Elka Renata Costa. A influência da consciência fonológica em crianças alfabetizadas pelos métodos fônico e silábico. **Revista CEFAC**, v. 10, p. 45-50, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcefac/a/RmXnG3MbXZ9nLzTYXXgB3Ys/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

MIRANDA, Kacia Kyssy Câmara De Oliveira et al.. **Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos**. Anais VII CONEDU - Edição Online, Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68086>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

MORAIS, José. **Alfabetizar para a democracia**. Penso Editora, 2014.

Parecer nº 77/2021-CEDF. **Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**, de 3 de agosto, 2021.

Portaria Conjunta nº12. **Diário Oficial do Distrito Federal**, p. 17-18, de 29 de outubro, 2021.

SANTOS, Remilda Porfírio dos; NASCIMENTO JÚNIOR, José Márcio Martins do. As dificuldades e desafios que os professores enfrentam com as aulas remotas emergencial em meio a pandemia atual. **Educação Contemporânea - Tecnologia**, v. 9, p. 24-31, 2021. Disponível em:<https://poisson.com.br/livros/Educa_Contemporanea/volume9/Educacao_Contemporanea_vol9.pdf>. Acesso em: 7 fev.2022.

SEABRA, C. **O celular na sala de aula**. Wordpress, mar. 2013. Disponível em:<<https://cseabra.wordpress.com/2013/03/03/o-celular-na-sala-de-aula/>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SEBASTIAN-HEREDERO, E. O problema da alfabetização nas séries iniciais do EF no Brasil. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 8, n. 23, p. 8–28, 2017. DOI: 10.26514/inter.v8i23.1662. Disponível em:<<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1662>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SILVA, Alice De Souza; AMORIM, Gisele Ferreira de; FERREIRA, Thaluane Marlla da Silva. A EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA. **VII Seminário Nacional e III Seminário Internacional sobre Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional – Eixo 2**, v. 8, n. 9, 2021. Disponível em:<<http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/9587/9395>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SILVA, Wenderson Costa da. et al. Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de covid-19. **International Journal of Development Research**, v. 11, n. 04, 2021. Disponível em:<https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/21683_0.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: A questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

STRABELLI, Tânia Mara Varejão; UIP, David Everson. **COVID-19 e o Coração**. Arquivos Brasileiros de Cardiologia [online]. 2020, v. 114, n. 4, pp. 598-600. Disponível em:<

<https://www.scielo.br/j/abc/a/NWKKJDxLthWSb53XFV9Nhvn/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 7 fev. 2022.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. São Paulo: Vozes, 2006.

VENTURA, Mariana Bizarro. **A importância da psicomotricidade no processo de alfabetização**. Rio Claro, 2016. 44 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

Orientadora: Andreia Osti. Disponível em:<

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155735/000888718.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y#:~:text=O%20desenvolvimento%20psicomotor%20contribui%20p ara,forma%C3%A7%C3%A3o%20global%20do%20ser%20humano>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

VILLAS BOAS, B. M de F. **A avaliação no Bloco Inicial de Alfabetização do DF**.

In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd, Caxambu – MG: Anais Caxambu – MG: Anais, 29ª Reunião anual da ANPEd, 2006b. Disponível em:

<<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT13-1708--Int.pdf>>. Acesso em: 5 Fev. 2022.